

ÁFRICA DO SUL 2010: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A EQUIPE BRASILEIRA PARA A COPA

Prof. Dr. Alexandre Palma¹

AQUECIMENTO

O brasileiro “nasce” técnico de futebol. Desde cedo é acostumado a dar palpites nos modos de jogar ou nas contratações/seleções de jogadores de seu time de coração ou das equipes representativas do Brasil nas competições internacionais.

Em ano de Copa do Mundo de Futebol a “síndrome” se agudiza e, talvez mais do que nunca, o brasileiro procura, com toda paixão, opinar sobre o trabalho dos treinadores de futebol.

Neste sentido, o presente texto tem o propósito fundamental de discutir tecnicamente algumas questões relativas à seleção e preparação dos atletas para a Copa do Mundo a ser realizada na África do Sul.

Dois aspectos, contudo, precisam ser esclarecidos desde já. O primeiro é que não tenho a pretensão de dar um parecer científico, embora tente escapar das armadilhas da paixão. O que pretendo é procurar algumas explicações técnicas, que estão fundamentadas no conhecimento científico e no *saber fazer*, isto é, em um conhecimento vivido na experiência prática. O segundo, já em consequência do primeiro, diz respeito à dificuldade de se avaliar longe do que está acontecendo. Por vezes, se faz uma análise técnica ou se opina apaixonadamente sobre as ações dos treinadores, mas sem vivê-la precisamente, sem saber o que de fato está ocorrendo dentro da equipe. Assim, uma conduta inadequada de um atleta que não é exposta na mídia pode ser a razão de uma decisão que desagrada muito.

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro / Docente das disciplinas Fundamento do Futebol e Aplicação Pedagógica do Futebol

Outro ponto também precisa ser lembrado. Penso que, em uma revista científica, o *ponto de vista* é um texto com o propósito de polemizar, de criar controvérsias, de suscitar algum debate com o dito fora da norma. Como um jogo, é desta forma, portanto, que pretendo me arriscar.

PRIMEIRO TEMPO

Possivelmente, a primeira pergunta que todos fazem às vésperas da Copa é: quem são os favoritos?

Longe de querer “matematizar” um jogo de futebol e salpicar probabilidades, procurei realizar um levantamento das classificações das equipes nos últimos 40 anos de Copas, isto é, desde 1970. O Quadro 1 fornece uma síntese dos resultados e apresenta um importante dado referente à tradição. Brasil, Alemanha e Itália apresentam-se sempre favoritas e desde 1982, na Copa da Espanha, um destes países sempre esteve na final da competição.

Quadro 1. Colocações dos quatro primeiros colocados em cada Copa do Mundo e número de vezes em que foi campeão, finalista e semi-finalista

Ano	Países															
	Brasil	Alemanha	Itália	Argentina	França	Inglaterra	Holanda	Uruguai	Polónia	Bélgica	Suécia	Bulgária	Croácia	Turquia	Coreia do Sul	Portugal
1970	1º.	3º.	2º.					4º.								
1974	4º.	1º.					2º.		3º.							
1978	3º.		4º.	1º.			2º.									
1982		2º.	1º.		4º.				3º.							
1986		2º.		1º.	3º.					4º.						
1990		1º.	3º.	2º.		4º.										
1994	1º.		2º.								3º.	4º.				
1998	2º.				1º.		4º.						3º.			
2002	1º.	2º.												3º.	4º.	
2006		3º.	1º.		2º.											4º.
1º. lugar	3	2	2	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Finalista	4	5	4	3	2	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Semi-finalista	6	7	6	3	4	1	3	1	2	1	1	1	1	1	1	1

Além destes países tradicionais, é possível acrescentar à lista de favoritos, em razão dos jogadores que possuem e dos jogos mais recentes que disputaram, a Argentina, a Espanha, a Inglaterra e a Holanda.

Cabe destacar que a França não teve uma boa participação nas eliminatórias e sua classificação somente se deu com um gol convertido após a polêmica “dominada” com a mão do jogador Henry no jogo contra a Irlanda na repescagem. No grupo B, a Coréia do Sul pode se apresentar como uma surpresa e penso, pelos jogos que vi, que a maior decepção da Copa pode vir das equipes africanas.

INTERVALO

O grupo do Brasil é constituído por Coréia do Norte, Costa do Marfim e Portugal. Os jogos seguem esta ordem e, neste sentido, tem um lado positivo e outro negativo. O positivo é que, teoricamente, os jogos mais fracos são os dois primeiros e confirmando as vitórias, a equipe brasileira enfrentaria Portugal para decidir o grupo. O aspecto negativo é que algum tropeço no início pode representar um grande problema.

Sobre os adversários, Portugal, sem dúvida, figura como a equipe mais forte que enfrentaremos. Há uma expectativa em relação ao craque português Cristiano Ronaldo, mas é preciso considerar que a equipe portuguesa se classificou na repescagem e após dois magros 1 a 0 sobre a Bósnia. A Costa do Marfim tem apresentado um bom futebol em jogos recentes. Por outro lado, pouco se sabe sobre a Coréia do Norte.

SEGUNDO TEMPO

Após o anúncio da lista de jogadores que irão à Copa, a imprensa em geral e os torcedores manifestaram a insatisfação com os selecionáveis. O clamor popular não adiantou para mexer com a posição dogmática do treinador Dunga. Contudo, penso que existia aí muita paixão e pouca razão. Desta forma, apresentarei algumas razões para justificar minha análise e assim tentarei fugir das armadilhas da emoção.

De imediato, é preciso destacar que Dunga nunca dirigiu uma equipe anteriormente. Nenhuma equipe! Ele começou técnico como técnico da seleção brasileira, o que me parece um disparate. Falta a ele a experiência de dirigir e treinar os jogadores, analisar os adversários e sua equipe, lidar com as adversidades. O sucesso nas eliminatórias e na Copa das Confederações (e mesmo um título na Copa do Mundo) ainda assim não justifica a escolha de seu nome. A fama de disciplinador também não. Acredito que a postura de atletas em busca de uma vitória importante se dá quando os membros da comissão técnica e o alto escalão das equipes criam esta própria situação. Se em competições passadas faltou “disciplina” é porque todo sistema permitiu.

Dos nomes que não foram convocados, a polêmica ficou em torno de quatro jogadores. Adriano, Neimar, Paulo Henrique Ganso e Ronaldinho Gaúcho. Vou tentar, então, comentar tecnicamente a seleção dos atletas. Penso que uma convocação de jogadores para disputar uma Copa do Mundo de Futebol, o treinador deveria atentar para três aspectos. Primeiro: nem todos os convocáveis participam dos jogos. O jogador Ronaldo Nazário (fenômeno), embora tido como campeão do mundo em 1994, não jogou um minuto sequer; segundo: é preciso convocar jogadores que possam ampliar o leque de opções. A convocação de muitos jogadores com o mesmo estilo de jogo, assim, seria contraproducente; e, terceiro: em uma competição esportiva, enfrentar jogadores experientes e de elevada qualidade é sempre um fator de preocupação.

Analisando a lista dos convocados destaco que há vários jogadores que já atuaram como volantes; há ainda, afora os oito convocados para atuarem no meio-de-campo, o Daniel Alves, o Gilberto e o Michel Bastos que vêm atuando pelo meio em seus times; além de não haver muita diferença técnica entre jogadores como Gilberto Silva, Felipe Melo, Josué, Kleberson, Daniel Alves, Gilberto, Michel Bastos, Elano e Júlio Baptista. Todos bons jogadores, mas previsíveis. Talvez diferenças em uma bola parada, mas nada tão significativo que se altere a ordem do jogo. Assim, possivelmente fosse interessante a convocação do Paulo Ganso e do Ronaldinho Gaúcho. O primeiro tem demonstrado grande habilidade; ampla visão de jogo; inteligência para conduzir as jogadas ofensivas e defensivas; qualidade do passe; participação efetiva na marcação dos adversários, a despeito da cultura brasileira em que o armador, inadequadamente, não realiza esta função; enfim atua para a equipe, para o jogo coletivo. Ronaldinho Gaúcho, por sua vez, após um longo período apagado, voltou a jogar bem pelo Milan. E se é verdade que alternou, em seu clube, bons jogos com outros ruins, é preciso destacar que na grande maioria destes jogos em que ele não atuou bem havia uma grande marcação individual sobre ele (terceiro item do que foi comentado no parágrafo anterior: preocupação dos adversários). Ademais, jogadores como Júlio Baptista e Kleberson vinham apresentando dificuldades e chegaram a amargurar a reserva em alguns jogos dos seus clubes. Considerando, ainda, que há jogadores (estes tantos volantes) que não entrarão jogo algum, convocar o Ronaldinho e deixá-lo na reserva para não “quebrar” o esquema poderia ser uma boa opção e não colocaria em risco a forma de jogar do treinador em caso de contusão de um destes volantes². Em uma

² Uma das acepções do vocábulo “volante”, no dicionário eletrônico Houaiss, é: *que se desloca continuamente; errante; nômade; vagabundo.*

situação de emergência, colocar o Ronaldinho poderia significar uma mudança na forma de jogar (se a equipe estiver precisando virar o placar de um jogo e/ou necessitar de um armador de jogadas) e, possivelmente, não haveria um sistema especial de marcação para ele, o que poderia surpreender o adversário.

Enfim, que diferença faz atuar com Gilberto Silva, Felipe Melo, Elano e Kaká ou com Gilberto Silva, Josué, Elano e Kaká ou ainda Gilberto Silva, Kleber, Elano e Kaká? Contudo, quando se precisar de jogadores com características de armação das jogadas a seleção ficará *kakadependente*. Acredito, por outro lado, que o Ramires é que possa acabar se destacando no meio, se entrar nos jogos.

Entre os homens de frente havia a perspectiva de convocação do Adriano e o clamor pelo menino Neymar. Já estavam certos os nomes de Robinho, Luís Fabiano e Nilmar. Três jogadores com características mais ou menos semelhantes. São habilidosos, dribladores e leves, embora o Luís Fabiano tenha um pouco mais de força entre eles. Assim, era razoável que a opção fosse o Adriano e não o Neymar, uma vez que seria importante um jogador com outra característica, de força, “trombador”. Além disto, o Neymar teve uma atuação muito apagada no Mundial Sub-17 realizado em 2009 e, mais importante, pareceu não se importar com isso. O problema do jogador Adriano, e neste caso concordo com o Dunga, diz respeito à instabilidade emocional do jogador. Seria possível contar com o jogador na Copa? Como não se tem a resposta antecipada, o treinador optou pelo Grafite, que é talvez quem mais se aproxime desta outra característica.

FIM DE JOGO

Em que pese tudo o que foi destacado, o que mais me preocupa é a idéia de que há um grande esquema tático na equipe brasileira. Embora haja uma dedicação dos jogadores e uma participação maior (em relação a outras seleções brasileiras) na defesa, não há, de fato, nenhuma grande novidade tática na equipe.

O que me preocupa, então, é que a equipe brasileira sempre se valeu dos valores individuais. O que, por outro lado, era (ou foi) temeroso porque equipes mais bem armadas taticamente conseguiam neutralizar os jogadores brasileiros em algumas situações. Muitas vezes, um sistema de dobra, a marcação bem realizada, a preparação de jogadas ofensivas, de bolas paradas, enfim, a melhor preparação tática às vezes vencia a habilidade do jogador brasileiro. Obviamente, referindo-me de um modo genérico, havia, então, um certo equilíbrio nas disputas. O Brasil com inúmeros valores

individuais e outras equipes com grande aplicação tática. Porém, para a Copa da África do Sul, a seleção brasileira não se apresenta com jogadores muito habilidosos e não se vale de um grande esquema tático, embora querem fazer parecer que há.

De todo modo, fico na torcida para que tudo dê certo e sejamos mais uma vez campeões.